



Comunicação
de Pesquisa

Estrabão

Vol. (5): 61- 67

©Autores

DOI: 10.53455/re.v5i1.136



Recebido em: 01/08/2023

Publicado em: 06/01/2024

Trajetórias de CRIAS: A Educação em Geografia nos anos iniciais a partir de um projeto extensionista na Baixada Fluminense

CRIAS Trajectories: Geography Education in the Early Years through an Extension Project in Baixada Fluminense

Rodrigo Xavier Rangel dos Santos ^{1A}, Lorena Lopes Pereira Bonomo, Evelyn Melo

Resumo:

Contexto: Nesta comunicação de pesquisa, apresentamos as produções do Ateliê de Geografia das infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS), coordenado pela professora Doutora Lorena Bonomo, localizado no campus Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). O projeto extensionista tem como objetivo promover a educação em Geografia desde os anos iniciais, relacionando os conhecimentos produzidos na Universidade e nas escolas com as experiências de estudantes e professores, explorando temas espaciais e históricos da geografia escolar. Durante os anos de 2022/2023, o projeto tem desenvolvido práticas pedagógicas de formação inicial e continuada que oferecem instrumentos teórico-metodológicos para abordagens geográficas com as infâncias na Baixada Fluminense (RJ). O referencial teórico do campo de estudo é baseado em obras de autores como Lopes (2023), que contextualiza o projeto nas pesquisas sobre geografia das infâncias, Cavalcanti (2017), com formulações que possibilitam diferentes abordagens geográficas, e Freire (1967), que orienta a perspectiva de extensão universitária à qual nos vinculamos. **Metodologia:** A metodologia utilizada consiste na narrativa de experiências vivenciadas ao longo das ações do projeto, como produção de materiais didáticos, podcasts, oficinas e cursos. Essas experiências são analisadas e discutidas com base nos referências teóricas mencionados. **Considerações:** Como resultado, destacamos a efetiva sensibilização para a importância da geografia escolar nos anos iniciais, expressa por cursistas e parceiros do projeto em diversas frentes.

Palavras-Chave: Currículo escolar em geografia, Educação em geografia nos anos iniciais, Extensão universitária, CRIAS

Abstract

Context: In this research communication, we present the productions of the Geography Workshop of Childhood in Baixada Fluminense (CRIAS), coordinated by Professor Lorena Bonomo, located at the Faculty of Education in Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) campus. The extension project aims to promote education in Geography from the early years, relating the knowledge produced in the university and schools with the experiences of students and teachers, exploring spatial and historical themes of school geography. During the years 2022/2023, the project has developed pedagogical practices for initial and continuing education that offer theoretical and methodological tools for geographical approaches with childhood in Baixada Fluminense (RJ). The theoretical framework of the field of study is based on works by authors such as Lopes (2023), who contextualizes the project in research on the geography of childhood, Cavalcanti (2017), with formulations that enable different geographical approaches, and Freire (1967), who guides the perspective of university extension to which we are linked. **Methodology:** The methodology used consists of narrating experiences lived throughout the project's actions, such as the production of teaching materials, podcasts, workshops, and courses. These experiences are analyzed and discussed based on the mentioned theoretical references. **Considerations:** As a result, we highlight the effective awareness of the importance of school geography in the early years, expressed by course participants and project partners in various ways.

Keywords: School Curriculum in Geography, Education in geography in the early years, University Extension, CRIAS

¹ - Licenciando em Geografia/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ

A - Contato principal: rodrigoxavis22@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Ateliê de Geografia das infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS) inicia suas atividades em 2017 e segue encontrando e sendo encontrado por docentes e discentes interessados nas potencialidades de compreender as espacialidades das/nas crianças dessa localidade como dimensão educativa. Um projeto extensionista que também privilegia a relação com o ensino (seja em disciplinas dos cursos de Pedagogia ou da Geografia) e que tem se conectado às redes da educação básica nos municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo, todos da Baixada Fluminense que nos acolhe. Apostando na formação inicial e continuada de docentes, as produções realizam-se nas Unidades escolares e retornam à Universidade como desafios e provocações do cotidiano escolar ao ensino de geografia nos anos iniciais.

A escolha do nome “CRIAS” tem o objetivo de reunir as experiências, evidenciando que o contexto do projeto é permear a tríade infâncias (Crias então no sentido de crianças), geografia (Crias enquanto posicionados em um local específico, neste caso específico Crias da Baixada Fluminense) e docência (Crias para remeter a dimensão criativa/criadora no magistério).

Nas dinâmicas do grupo, privilegiamos rodas de conversas onde são discutidos temas pertinentes ao campo da Geografia escolar, e a partir dessas reflexões, pensamos propostas de trabalhos com a constelação de conceitos da Geografia, tais como: lugar, território, paisagem e espaço, de modo que possam dialogar com as práticas sócio espaciais dos estudantes. Diante de pandemia e a necessidade de isolamento social, parte possível dos trabalhos desenvolvidos, passaram a ser mais fortemente compartilhados através das redes sociais do CRIAS, como blog, *youtube* e *instagram*. Nesse caso, o intuito era que os estudos – inclusive com interlocutores importantes para tais temáticas em formas de *lives* - pudessem criar pontes de comunicação, para além da Universidade, naquele momento. Tal feito, para além de muitas contradições, permitiu um alcance significativamente maior de pessoas para os debates acerca das geografias das infâncias nesse projeto.

Também é importante registrar que transversalizar os conceitos geográficos às discussões da infância, nos orienta a afirmar que as crianças produzem e são produzidas pelos espaços, são sujeitos geográficos. E, desde uma educação em geografia, são capazes de imaginar, vivenciar e representar espacialidades, em especial por meio da brincadeira. O espaço (neste caso o da Baixada Fluminense) importa para geografar com crianças e Lopes (2018) nos auxilia em tal defesa ao afirmar que

Toda criança é criança de um local. De forma correspondente, para cada criança do local existe também um lugar de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência. Ao mesmo tempo toda a criança é criança em locais dentro do local, pois esse mesmo mundo adulto destina diferentes parcelas do espaço físico para a materialização de suas infâncias. (Lopes, 2018, p. 24).

Ao nos apoiarmos em tais concepções de geografia, de infâncias e de formação de professores, apontamos para uma educação que seja libertadora. Nesse sentido, a trajetória do CRIAS tem se pautado numa postura de horizontalidade com professores em formação inicial ou continuada, compreendendo as práticas sociais e espaciais infantis como fundamentos para sensibilizar para a importância das abordagens pela geografia (Cavalcanti, 2017) nos anos iniciais.

Como futuros docentes/pesquisadores muitas vezes rememoramos nossa própria infância para buscar modos de dialogar com as ações do projeto, e conseguirmos criar oficinas e atividade lúdicas que efetivamente produzissem mobilização dos afetos e construção de saberes esperados. Ou seja, esse projeto também dialoga com formulações da importância da produção de memórias dos lugares, contemplação das paisagens e percepções territoriais, que permitam deslocar quem participa e efetivamente mirar na nossa própria humanização, enquanto sujeitos aprendentes, todas e todos que se envolvem.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é apresentar e produzir reflexões relativas a algumas dessas atividades, ocorridas presencialmente, na retomada pós-pandemia, entre 2022/2023 desenvolvidas no âmbito do CRIAS. Destacamos, em especial, o curso de extensão “Ensino de Geografia nos anos iniciais na Baixada Fluminense - Conceitos, temas, experiências e travessias”, a disponibilização de histórias infantis em podcasts a serem trabalhadas geograficamente, uma oficina no encontro Universidade-escola com a Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo e a produção do mapa dos desejos na Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto.

DESENVOLVIMENTO

Ao considerar a extensão em seu plano de envolver (-se) mais que simplesmente comunicar produções acadêmicas (Freire, 1997), buscamos nas ações mapeadas responder responsivamente às manifestações e demandas colocadas por professores, coordenadores e estudantes da educação básica, em diferentes momentos do projeto, nesses quase 07 anos de existência. Desse modo, como define Bonomo (2023) sobre o CRIAS

Nosso Ateliê é de aprender, é de somar na criação do comum. Um passo na reconstrução dos sentidos de ensinar e aprender geografia na escola, pela defesa do pensamento espacial como fundamental para a leitura emancipadora de mundo. Que, desafiando o desencanto do modo de produção que tenta nos roubar esse horizonte, permitam insistir na docência como atividade criadora voltada a outros mundos possíveis, práxis instituinte do comum. (Bonomo, 2023, p. 123)

Orientados por esse fundamento, realizamos a gravação de *podcasts* por todos os bolsistas do CRIAS (figura 1). O objetivo foi adaptar histórias infantis que fossem consideradas potentes para tratar, ainda que tangencialmente, de conceitos e temáticas relativas à geografia, a dimensão espacial. Pedagogas e professoras de anos iniciais sempre se mostraram relutantes em considerar dedicar-se a essa área, diante dos fortes apelos à leitura, escrita e habilidades matemáticas nesse momento da escolarização das crianças. Em resposta, planejamos evidenciar uma contribuição alfabetizadora da geografia, a partir da contação de histórias por meio dessa ferramenta.

As gravações das histórias eram acompanhadas da elaboração de um material de apoio ao docente para abordagem geográfica. Os *podcasts* foram divulgados no *blog* com tal dispositivo anexado. O grupo dedicou-se a leituras que fundamentam tal metodologia, seja no campo da alfabetização geográfica, seja pelas produções em defesa do podcast como instrumento pedagógico.



Figura 1 – Print do Acervo de podcasts.

Fonte: acervo do CRIAS (2021).

A atividade realizada na Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo (SME – Duque de Caxias) consistiu em atender uma reivindicação do docente da escola, que é vizinha ao campus da FEBF, por uma visita técnica visando apresentar a Universidade aos alunos. É importante salientar que essa elaboração da atividade fomentou a necessidade de aproximar cada vez mais a comunidade que está no entorno da Faculdade (figura 2). A parceria também consistiu na realização de oficinas que tratassem de temáticas específicas do ensino de Geografia – no caso, desigualdades sociais no Brasil, que estavam sendo tratadas pelo professor em seu cotidiano escolar. O debate sobre acesso à água na Baixada Fluminense, a questão da fome no país e um mapa regionalizando índices de desenvolvimento no Brasil, foram tratados com jogos, exposições, atividades lúdicas e rodas de conversas.



Figura 2 – Oficina com estudantes da E.M. Expedicionário Aquino de Araújo.
Fonte: acervo do CRIAS (2022).

Em dezembro de 2022, o curso de extensão intitulado “Ensino de Geografia nos anos iniciais na Baixada Fluminense - Conceitos, temas, experiências e travessias” foi realizado. O planejamento do curso tinha por objetivo desenvolver atividades de formação inicial e continuada em geografia com professores da Rede Pública de Ensino, especificamente dos anos iniciais. Nesse sentido, visávamos aprofundar seus conhecimentos curriculares a partir de aspectos teórico-metodológicos que atentam para a espacialidade das práticas sociais, tendo a Baixada Fluminense como referência espacial. (figura 3).

Neste caminho, apresentamos “Compreender espaços; colher e oferecer geografias” para um debate de sensibilização para a geografia escolar e inferências sobre espaço/tempo na educação infantil. Seguida das temáticas (I) Corpo, casa, quintal, escola, comunidade – sujeitos, memórias e lugares no/do/com o mundo e a totalidade em questão; (II) Infâncias (no plural): Territórios, culturas e diversidade; (III) Infâncias e natureza: contemplar e reinventar paisagens apostando numa educação ambiental.



Figura 3 – Oficina do Curso de extensão.
Fonte: acervo do CRIAS (2022).

Para cada eixo, oficinas específicas foram realizadas. No texto “O ofício, a oficina e a profissão: o lugar social do professor” de Manoel Fernandes Neto, nos inspiramos para pensar essa metodologia. O autor, no referido texto, afirma que

Sendo a oficina o templo em que os rituais de um dado ofício se realizam, poderíamos então dizer que certos fazeres e saberes estão sempre situados quando se conjugam enquanto aquela ação consciente que produz objetos materiais e imaterialidades simbólicas. Ao dizer situados, pressupõe-se a perspectiva de um lugar de onde, a partir desse processo que inclui rituais constitutivos de coisas e ideias, instituem-se regras, códigos, relações que identificam, naqueles que fazem a oficina funcionar, os sujeitos que são feitos pelo ofício que executam. (Fernandes Neto, 2005, p. 250)

As oficinas atravessaram múltiplas áreas do conhecimento, e nelas foram compartilhadas vivências escolares memoriais e de práticas docentes. As atividades e brincadeiras situavam a Baixada Fluminense por suas problemáticas, expressas em violência, abandonos e desigualdades, mas também elegendo aspectos sociais e culturais potentes para compreender tal espacialidade. Aspectos esses que compunham paisagem, território e lugar, plurais, como conceitos que podiam ser construídos a partir de práticas sociais e espaciais infantis.

Na centenária Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto, o coletivo foi convidado a contribuir com um mapeamento, que espacializa os “desejos” das crianças para um terreno vizinho à instituição. Esse local tem sido motivo de lutas reivindicatórias desde a compra para construção de um shopping center, que foi paralisada pela mobilização da população, mas que derivou no “abandono” do mesmo, trazendo efeitos para a saúde e segurança na comunidade.

Ao compreender as crianças como sujeitos geográficos defendemos seu direito a viver e sonhar a cidade, e foi nesse caminho que a atividade consistiu em colecionar os desenhos que expressavam tais pensamentos infantis, construir coletivamente com elas um croqui (figura 4) representativo da negociação das crianças nessa cartografia de desejos e elaborar na Universidade, com o saber técnico, um produto final.



Figura 4 – Mapeamento com estudantes da E. M. Doutor Álvaro Alberto.
Fonte: acervo do CRIAS (2022).

RESULTADO E DISCUSSÃO

As atividades e oficinas realizadas pelo CRIAS se posicionam a favor de uma educação emancipatória, e que problematiza, sob matizes diversas, a dimensão espacial na Baixada Fluminense dialeticamente como produto e produtora, e nesse sentido permeada de práticas sociais e espaciais que podem mobilizar um pensar geográfico com professores e crianças. Referenciando a Universidade Pública socialmente, atuando de modo horizontal com a escola pública, trabalhando em parceria para suas demandas, que por fim também são fundamentais para a formação de seus licenciandos.

Recebemos devolutivas de professoras da Educação Básica que puderam compor seus planejamentos usando os podcasts disponibilizados pelo grupo, narrando a qualificação para o debate em geografia nos anos iniciais, em sua conexão com a leitura e escrita centrais nessa fase de escolarização, possível. O caráter interdisciplinar de tal atividade e a provocação de temáticas transversais também são ressaltados, permitindo que temáticas como racismo, desigualdade social, estereótipos sociais e espaciais, sejam colocados em relevo e tematizados na unidade escolar.

O estreitamento das relações com a escola vizinha à FEBF, que é um campo de estágio para tantos estudantes do campus, se coloca como o resultado mais expressivo das oficinas realizadas com a E.M. Aquino de Araújo. Compreendendo que o professor atuante na escola se coloca como formador também dos licenciandos, e a Universidade como espaço educativo para estudantes da Educação Básica. Nas atividades destacamos a capacidade de formulações de vivências comunitárias quanto às questões tratadas, como por exemplo o confronto dos dados de acesso à água e saneamento e as realidades de estudantes; do mesmo modo que a insegurança alimentar e as conjunções emigrações-desenvolvimento a partir do mapa trabalhado, tomaram a

centralidade no encontro.

O curso de extensão acolheu 30 pessoas interessadas na temática. As narrativas de avaliação dos participantes indicaram o alcance do objetivo de desconstrução de um olhar desinteressado pela geografia, tornando-a significativa a partir da opção teórico-metodológica de partir da (e voltar à) espacialidade da Baixada Fluminense, de práticas sociais e espaciais localizadas, de vivências infantis, para compreensão dos conceitos da geografia. O conteúdo geográfico que permeia as biografias de professoras e estudantes colocados como dispositivos metodológicos para avançar na compreensão das paisagens, na leitura de seus territórios e na memória de seus lugares, e também, em sua relevância social, como componente das lutas pela transformação da sociedade, foi recorrentemente acionado.

O mapa dos estudantes com os desejos das crianças para o terreno vizinho à Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto contém: bazar, praia, piscinas, fábricas, casas, quadras, uma escola de 6º ao 9º ano, bibliotecas, manutenção de árvores... escolhas que apontam, em contraponto a lógica privatista, um reforço da dimensão pública de tal espaço. Apresentam uma perspectiva coletiva que restitui nossa humanidade ao pensar geograficamente em opções que permitam um habitar que acolhe com moradia e trabalho às pessoas em situação de rua que ocupam a área; que evidencia um abrigo delas próprias, com lazer, com uma escola para seguirem estudando no entorno; e que desloca o imaginário à fabulação, com praias e girafas.

Provocados a contemplar, descrever, comparar, ou ainda questionados sobre o que havia de distribuição, delimitação, particularidade-totalidade, ou seja, acionando princípios operacionais e lógicos, compreendemos que um pensar geográfico foi sendo construído desde o território, com essas ações formativas. Ou seja,

No convite aberto a cada encontro dava-se a provocação de perseguir a questão eminentemente geográfica: tatear modos de desvelar a lógica do espaço, acionando para isso cada uma das metodologias que decorriam dos dispositivos listados anteriormente. As perguntas geográficas que orientaram “Onde? Por que aí?” (Foucher, 1989, p. 21 *apud* Cavalcanti, 2019, p. 68) seguiram como ensaios de colecionar geografias como práticas existenciais e daí fundar diálogos com a ciência acadêmica e disciplina escolar. (Bonomo, 2023, p. 117)

E, ainda, ao solicitar nossa cumplicidade, inclusive com o saber técnico cartográfico, nessa última atividade relatada por exemplo, nos provocam a também desejar um espaço entre escola-universidade, via extensão universitária, que seja marcado pela lógica pública que mantém no horizonte uma questão que perseguimos ao longo dos sete anos de projeto CRIAS: a quem serve nosso conhecimento?

Como futuros docentes e professores-pesquisadores é importante trabalhar com essa questão mobilizadora. Confrontar uma lógica conformadora e perseguir, que a escola e a Universidade podem e devem ser espaços de diálogo democrático, como provoca Bell Hooks (1994)

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (Hooks, 1994, p.174).

O compromisso no compartilhamento de todas essas experiências extensionistas e suas reflexões tem derivado em apresentação de trabalhos das/dos bolsistas em eventos e congressos temáticos, em aulas nas disciplinas de práticas de ensino e estágio supervisionado, afetando qualitativamente o tripé universitário em ensino, pesquisa e extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CRIAS busca fomentar uma educação com base nos conceitos geográficos, através de práticas docentes lúdicas que dialoguem com a realidade de discentes e docentes, localizadas na Baixada Fluminense. Considerando a importância do ser e fazer em Geografia na sociedade, afirmamos sua permanência como disciplina no currículo escolar. Tal enfrentamento é fundamental pois estamos observando cada vez mais o

esvaziamento do pensamento crítico nas escolas, desde a lógica de um modelo neoliberal. Neste sentido, o projeto aposta na formação inicial e continuada de professores que, compreendendo tais premissas, considera o trabalho orientado a construção de um pensar geográfico crítico, partindo e retornando a realidade vivenciada pelas crianças, e relacionado às demais disciplinas escolares e demais áreas do conhecimento. Contudo, esse trabalho não tem como premissa encerrar o diálogo apresentando uma condição prescritiva. É fundamental que, como (futuros) docentes, estejamos envolvidos em projetos que possam fomentar a prática de uma educação emancipadora para filhas/os de trabalhadoras e trabalhadores.

Portanto, rememorar essa trajetória do Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS) se coloca como um modo de registrar os potentes encontros formadores para quem se envolveu até o momento, e desde uma Universidade com teorias e práticas atravessadas por marcadores geográficos e também de classe, raça, gênero, e que espera – em ação – radicalizar ainda mais sua dimensão socialmente referenciada.

CRÉDITO

Rodrigo Xavier Rangel Dos Santos. Conceitualização, investigação e metodologia.

Lorena Lopes Pereira Bonomo. Conceitualização, supervisão e redação – revisão e edição.

Evelyn Melo, Conceitualização, investigação e Redação – rascunho original.

REFERÊNCIAS

Bonomo, L. L. P. (2023). Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS): manifesto sobre as veredas da dimensão pública do ensinar e do aprender a partir da experiência em um projeto de Extensão Universitária [Children's Geography Workshop of Baixada Fluminense (CRIAS): manifesto on the paths of the public dimension of teaching and learning based on experience in a University Extension Project]. In: BONOMO, L, L, p. (Org.). *Compreender pelo espaço e com crianças: saberes em diálogo para aprender e ensinar geografia nos anos iniciais*. [Understanding through space and with children: knowledge in dialogue to learn and teach geography in the early years]. Pedro & João Editores. https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2023/05/EBOOK_Compreender-pelo-espaco-e-com-criancas.pdf

Cavalcanti, L. de S. (2019). *Pensar pela Geografia – ensino e relevância social*. [Thinking through Geography]. C&A Alfa Comunicação.

Fernandes Neto, M. (2005). O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. [The craft, the workshop and the profession: reflections on the social place of the teacher] Cadernos CEDES. Volume 25 (número 66) p. 249-259. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200007>

Freire, P. (1977). *Extensão ou comunicação?* [Extension or communication?]. Editora Paz e Terra.

Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. [Teaching to transgress: education as a practice of freedom]. Editora Martins Fontes.

Lopes, J. J. M. (2018). *Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados*. [Geography and Early Childhood Education: unusual spaces and times]. Editora Mediação.